

**TRABALHO 04****Memórias do rural: Uma proposta de Educação ambiental em uma escola família agrícola da região sisaleira da Bahia**

Alessandra Alexandre Freixo

Ana Maria Freitas Teixeira

(Equipe de Educação Ambiental/UEFS)

RESUMO

Este estudo, ainda em fase de desenvolvimento, visa analisar a memória coletiva das comunidades rurais da região sisaleira, em sua dimensão sócio-ambiental, enquanto dimensão fundamental à definição de políticas de desenvolvimento local, na perspectiva de aprofundar o enraizamento/pertencimento destas comunidades como elemento constitutivo de um capital social potencializador das cadeias de reciprocidade, confiança, normas e sistemas de participação, bem como ressignificar o papel dos velhos nestas comunidades. Destacamos aqui alguns dos referenciais teórico-metodológicos que dão suporte a esta pesquisa, acrescentando algumas considerações sobre o trabalho que vem sendo desenvolvido junto à Escola Família Agrícola Avani de Lima Cunha (EFA) da Associação de Pequenos Agricultores do Município de Valente (APAEB), ponto de partida para a pesquisa sobre a memória coletiva da região. Em virtude do estreitamento de laços entre escola-comunidade, proporcionado pela proposta educacional da EFA (Pedagogia da Alternância), acreditamos que esta seja uma estratégia viável para a formação contextualizada do sujeito do campo constituindo-se, assim, em terreno fértil para nossa pesquisa. Desse modo, centramos nossa investigação nos processos de reconstrução da memória coletiva das comunidades sisaleiras, partindo da comunidade escolar da EFA, em especial docentes e alunos, de modo a desenvolver uma proposta pedagógica coletiva, em que se criem espaços/tempos de debate e construção da história das comunidades e municípios da região do sisal. Descrevemos aqui nossas impressões e resultados preliminares advindos do primeiro momento da pesquisa, ou seja, as primeiras reuniões do Grupo de Trabalho (GT) formado na EFA, composto pelas pesquisadoras, diretora e professores da escola, além de membros da diretoria da APAEB. Esse momento inicial constitui-se numa fase exploratória do projeto, tendo como principal objetivo a

delimitação e reconhecimento do campo e dos sujeitos de estudo. No que tange à operacionalização da proposta de pesquisa, o GT definiu os seguintes temas geradores, a serem trabalhados ao longo do ano letivo: 5ª série - história da família e comunidade; 6ª série – história da convivência com a seca; 7ª série – história da agricultura local; 8ª série – história da educação local. A proposta de trabalho consiste na promoção de um diálogo entre os estudantes e os sujeitos mais velhos das comunidades, que possibilite a construção da história das famílias, das comunidades, da convivência com a seca, da propriedade e da educação nestas comunidades. Este é o primeiro passo para a ressignificação do papel dos velhos e, aí, a comunidade escolar desempenha um papel fundamental.

Palavras-chave: memória de velhos, história ambiental, capital social.

ABSTRACT: RURAL MEMORIES: AMBIENTAL EDUCATION IN A AGRICULTURAL FAMILY SCHOOL IN SISAL REGION OF BAHIA

This study has the aim to analyse the collective memory of the agricultural communities of the sisal region, in its socioambiental dimension, as a fundamental dimension to local development politics definition, in the perspective to potentialize root development in these communities as constituent element of a social capital and systems of participation, as well as to discuss the role of the old people in these communities. We detach here some of the referentials that give support to this research, adding some considerations about the work that has being developed in the Agricultural Family School Avani de Lima Cunha (EFA) of the Association of Small Agriculturists of of Valente (APAEB), taken as starting point for the research on the collective memory of the region. Due to the strait relationship between school-community, we believe that EFA is a posible way for country people education and a starting point for the work of rural memory construction. Thus, we center our inquiry in the processes of reconstruction of the collective memory of sisal communities, taking as starting point the school community, in special professors and students, in order to develop a collective pedagogical proposal, in which we could create moments of discussion and construction of the sisal communities and cities history. We describe here our first results, from the first moment of the research: the meetings of the Work Group formed in the school, composed by the researchers, director and professors of the school, and members of APAEB, which constitutes in a inicial phase of the project,

that have as main objective the delimitation and recognition of the field and the study subjects. In order to develop the research proposal, the GT defined the following generating subjects, to be developed along the school year: history of the family and community; history of convivence with dries; history of agriculture; history of popular education. The study consists in a promotion of dialogues between students and old people, in order to registry the history of families, communities, semi arid convivence, agriculture, and education. This is the first step for a revision of old people role, and we believ that school must play an important role.

Key words: old people memories, ambiantal history, social capital.

Introdução

O rural brasileiro, e principalmente nordestino, tem sido foco de muitas pesquisas, especialmente no que se refere a seu potencial transformador e promotor de desenvolvimento social. Muitos autores, como Wanderley (2001), consideram que a sociedade atual redescobriu o rural, ressignificando-o. O que anteriormente era visto como sinônimo de atraso, fonte de problemas sociais de toda ordem, afetando, em última instância, a dinâmica do meio urbano, atualmente é identificado como fonte de soluções de problemas sociais que afetam tanto o rural como o urbano.

Desta forma, a própria dicotomia rural-urbano, a partir desse “novo olhar”, é relativizada, à medida que, o rural e o urbano se aproximam, no imaginário da sociedade globalizada, formando um *continuum* (SIQUEIRA e OSÓRIO, 2001). Mesmo para a análise dos problemas sociais, antes atribuídos ao meio rural e, em geral, associados à freqüente migração rural-urbana nas décadas de 60-70, a distinção rural-urbano torna-se insuficiente diante de seus desdobramentos em dimensões supra-territoriais, mostrando-se igualmente limitada para a compreensão da complexidade da crise atual que atinge esses dois espaços. Neste contexto de crise, de que estratégias se vale a sociedade, para promover o desenvolvimento social? Certamente, muitas experiências têm sido realizadas para alcançar tal objetivo, tanto no âmbito do local como do regional, contribuindo, largamente, para a elaboração de políticas públicas de desenvolvimento regional. Entretanto, um aspecto que merece destaque é o fato de que o conjunto dessas experiências parte de um princípio comum: o desenvolvimento humano/social se faz pela formação de cidadãos. Portanto, a formação do sujeito do campo assume papel fundamental nessa perspectiva de

desenvolvimento em que o homem tende a ganhar centralidade. A questão está, então, na concretização desse sujeito para o que Caldart (2004) aponta alguns elementos cruciais, quais sejam: uma revisão do modelo de agricultura capitalista excludente que ainda impera no Brasil; a participação e as lutas destes sujeitos por melhor qualidade de vida; a superação da dicotomia rural-urbano, que prega um modelo educacional inspirado nos ideais desenvolvimentistas; e a adoção de uma visão de educação de totalidade, inclusiva. Neste contexto, podemos citar as experiências educacionais dos movimentos sociais que lutam pela posse da terra, tal como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), enquanto uma experiência largamente sistematizada (CALDART, 2001), bem como experiências educacionais formais, como as Escolas Família Agrícola (EFA), com seu amplo projeto de Pedagogia da Alternância (QUEIROZ, 2001).

Dentre as experiências educacionais voltadas para o desenvolvimento social e regional, destaca-se o trabalho realizado pela Associação de Pequenos Agricultores do Município de Valente (APAEB), que vem implementando estratégias de convivência no semi-árido baiano que refletem em ganhos sociais para a região sisaleira da Bahia (APAEB, 2004). A partir da análise, ainda que preliminar, das experiências desenvolvidas pela APAEB, consideramos ser possível e necessário um maior enraizamento dos sujeitos em sua região. Tomamos, portanto, como ponto de partida para tal enraizamento a compreensão, pela comunidade, dos processos sócio-ambientais que se dão na região sisaleira; compreensão esta que se associa à construção da memória do rural. Vale observar que o que aqui denominamos de enraizamento pode ser traduzido como o grau de pertencimento dos sujeitos à sua comunidade local/regional, apresentando-se como um dos elementos centrais à dinâmica de constituição, solidificação e difusão do capital social (ABRAMOVAY, 2000) em suas dimensões econômicas, políticas e culturais.

Assim, trazemos como elemento norteador o seguinte questionamento: é possível que a reconstrução da memória coletiva das comunidades rurais sisaleiras, a partir das histórias de vida dos velhos dessa região, atue como um processo de resgate da história ambiental do lugar e fortaleça redes associativas, de modo a subsidiar políticas de enraizamento e desenvolvimento sustentável para a região?

É tomando como referência esse conjunto de questões que nos parece fundamental analisar a experiência desenvolvida no município de Valente onde se observa o desenvolvimento

de políticas de desenvolvimento local focadas na ampliação das redes associativas horizontais e verticais em que a articulação entre os diversos segmentos do tecido social, a dimensão cultural, ambiental, educacional, político, econômico, emerge como fundamental. Aqui a Associação de Pequenos Agricultores do Município de Valente (APAEB) e a Escola Família Agrícola (EFA) parecem ter um papel relevante a exigir uma análise mais cuidadosa.

É desse modo que nosso interesse está em incorporar a memória coletiva das comunidades rurais da região sisaleira, em sua dimensão sócio-ambiental, às políticas de desenvolvimento local, na perspectiva de aprofundar o enraizamento/pertencimento destas comunidades como elemento constitutivo de um capital social potencializador das cadeias de reciprocidade, confiança, normas e sistemas de participação, bem como ressignificar o papel dos velhos nestas comunidades.

Para melhor localizar nossa perspectiva analítica, apresentamos a seguir alguns dos elementos centrais ao referencial teórico-metodológico adotado acrescido de algumas considerações sobre as etapas iniciais da investigação que vem sendo desenvolvidas junto a EFA, tomado como ponto de partida para a análise sobre a memória coletiva da região.

A pesquisa em Memória e História Ambiental como elementos para o processo de enraizamento e desenvolvimento sustentável da região sisaleira

A todo momento nos deparamos com termos como “memórias coletivas”, “memórias comuns”, “memórias sociais”. No entanto, torna-se imprescindível que nos debruçemos na compreensão destes, principalmente a noção de memória coletiva, foco da nossa proposta de trabalho. Memória coletiva pode ser definida como

um conjunto de representações sociais que têm a ver com o passado, produzidas, guardadas e transmitidas por um grupo pela interação com seus membros. [...] o que constitui propriamente uma “memória coletiva” [...] não é tanto o caráter comum dos seus conteúdos, mas o fato de que estes sejam produto de uma interação social, de uma comunicação que tenha a capacidade de escolher o que é importante e significativo no passado, em relação aos interesses e à identidade dos membros de um grupo (Jedlowski, 2003, p. 225-226).

Jedlowski (2003) discute, conforme o trecho acima, a diferença marcante entre o que se compreende como “memória comum”, que ele descreve como “banal”, ou sem

importância, enquanto a memória coletiva, esta estreitamente relacionada às representações sociais dos sujeitos. A memória social, por sua vez, estaria relacionada a uma “história oficial”, encontrada nas bibliotecas e museus, mas que necessariamente não apresentam um significado concreto para o grupo. Consideraremos então, para nosso estudo, a categoria memória coletiva como elemento chave para análise das memórias e representações do rural em comunidades da região sisaleira na Bahia.

Um dos trabalhos mais consistentes realizados sobre memória coletiva é, sem sombra de dúvida, o de Ecléa Bosi (1983) que, em seu livro, narra de forma irretocável as lembranças de velhos sobre os lugares e práticas sociais na cidade de São Paulo, ao longo do século XX. Uma história de velhos nada oficial e, nem por isso menos importante. Bosi resgata em seu trabalho o papel crucial das narrativas no processo de construção social da memória:

Um dos aspectos mais instigantes do tema é o da construção social da memória. Quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos, verdadeiros “universos de discurso”, “universos de significado”, que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma *versão* consagrada dos acontecimentos. O ponto de vista do grupo constrói e procura fixar a sua imagem para a História. (1983, p. 27)

Bosi (1983) afirma ainda que o velho apresenta uma função primordial para a sociedade: o papel de lembrar. Segundo a autora, o velho, que deixa de ser um membro ativo na sociedade, tem agora o papel de construir a memória coletiva do seu grupo, fortalecendo assim seus elos e reconstruindo sua identidade, tarefa fundamental na formação dos sujeitos sociais.

Inspirando-se no trabalho de Bosi e de outros estudiosos, Margareth Park (2002) organizou um trabalho exemplar de construção da memória de um município do interior de São Paulo, no qual se envolveram professores, alunos e toda comunidade – os velhos em especial – com o objetivo de ressignificar as práticas pedagógicas escolares e aproximar as escolas da comunidade. Este momento, segundo a autora, foi fundamental para a apropriação do passado e maior compreensão do presente por toda a comunidade, além de

possibilitar uma relação qualitativamente superior entre escola-comunidade e entre gerações.

O trabalho na área da memória coletiva está cunhado, principalmente, no trabalho de pesquisa em história oral, no qual a experiência de vida narrada pelas pessoas passa a ser matéria-prima para a construção da História (THOMPSON, 2002). Segundo esta abordagem, a vida cotidiana passa a ser foco de análise e construção de história, podendo adquirir um caráter potencialmente transformador, envolvendo a participação das pessoas comuns, não só de pesquisadores na produção histórica, o que tende a tornar a ciência mais democrática.

Aliada à memória coletiva, a história ambiental tem se constituído em um campo profícuo de pesquisas, principalmente por seu caráter interdisciplinar, em que se pretende estabelecer um diálogo permanente entre a “história natural” e a história social, ou ainda, estabelecer conexões entre o tempo geológico– concebido como natural – e o tempo histórico, das sociedades humanas (DRUMMOND, 1991).

A pesquisa em história ambiental tem origem relativamente recente. Seu nascimento data de meados da década de 70 do século passado, momento em que a crise ambiental se avolumou em todo o planeta. Esta surge, então, como uma tentativa de rompimento da dicotomia entre natural-social, na perspectiva de estabelecer parâmetros de análise capazes de permitir a compreensão dos problemas ambientais em toda sua complexidade.

É exatamente o caráter interdisciplinar da história ambiental, em sua interlocução com a história social, que nos permite estabelecer como elemento estruturante da pesquisa o recorte em que se articulam memória e história oral como possibilidade de diálogo com a comunidade local-sobretudo os sujeitos mais antigos-, enquanto participante ativo do processo de (re)construção de seu passado, produzindo tanto elementos para a ressignificação de seu presente como a possibilidade de um futuro sustentável.

A proposta de trabalho: envolvimento da comunidade escolar

Dentre os diversos projetos educacionais desenvolvidos na APAEB, destacamos aqui a Escola Família Agrícola Avani de Lima Cunha (EFA). Trata-se de uma escola de Ensino Fundamental, que desenvolve proposta pedagógica baseada na Pedagogia da Alternância, na qual o aluno alterna momentos educacionais na escola – onde permanece durante uma semana - e momentos educacionais em casa, possibilitando a articulação entre os

conhecimentos apreendidos na escola e a realidade de sua comunidade. À medida em que a adoção desse tipo de proposta pedagógica na EFA acaba por viabilizar o estreitamento dos laços entre escola e comunidade acreditamos que este seja um caminho viável para a formação contextualizada do sujeito do campo, constituindo-se em ponto de partida para nosso trabalho de construção das memórias do rural.

É, portanto, dentro dessa moldura que adotamos os fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa em memória social proposto por Bosi (2003) enriquecidos pela proposta metodológica sugerida por Thompson (2002) para o campo da história oral, como elementos fundamentais da investigação em andamento.

Centramos nossa investigação nos processos de reconstrução da memória coletiva das comunidades sisaleiras, tomando como ponto de partida a comunidade escolar da EFA, em especial docentes e alunos, de modo a desenvolver uma proposta pedagógica coletiva, em que se criem espaços/tempos de debate e construção da história das comunidades e municípios da região do sisal. Para tanto, nos apropriamos da metodologia proposta por Park (2002), na qual os estudantes estão sendo estimulados a participar da coleta de diferentes fontes de memória, tais como: fotos, documentos, objetos e, principalmente, entrevistas com vizinhos e/ou familiares mais velhos.

O trabalho que vem sendo realizado na escola, além de promover um maior estreitamento das relações comunidade-escola, possibilitará uma melhor compreensão das representações de rural presentes entre estudantes e professores da EFA, bem como constituir-se-á em subsídio para o estudo da memória dos velhos da região sisaleira, nosso principal objeto de estudo.

A partir deste trabalho envolvendo professores e estudantes da EFA sensibilizaremos os velhos das comunidades para a realização de entrevistas semi-estruturadas, a partir das quais analisaremos os sentidos atribuídos às mudanças ambientais da região e suas representações de rural, natureza e ambiente. Buscaremos ainda, com base nos discursos dos velhos, identificar e analisar o capital social constitutivo da região, bem como seu papel no fortalecimento de redes de cooperação entre os diferentes sujeitos do desenvolvimento local. Para tanto, lançaremos mão do referencial proposto por Abramovay (2000).

Considerando que a pesquisa já se encontra em andamento, apresentamos a seguir algumas

impressões e resultados preliminares advindos desse primeiro momento que consiste justamente nas reuniões do Grupo de Trabalho (GT) composto pela equipe de pesquisa, pelos diretores e professores da EFA, além de membros da diretoria da APAEB. O trabalho se encontra, portanto, numa fase exploratória do projeto, tendo como principal objetivo a delimitação e reconhecimento do campo e dos sujeitos de estudo.

Primeiras impressões

As primeiras reuniões do GT tiveram como principal objetivo a apresentação e discussão da proposta inicial de pesquisa, focando, sobretudo, sua viabilidade e adequação à proposta pedagógica da EFA, bem como o processo de inserção ativa dos diversos atores envolvidos no desenvolvimento do trabalho. Esses encontros permitiram uma melhor interação entre os participantes do GT na medida em que a proposta de pesquisa pode ser debatida minuciosamente tanto em seus aspectos teóricos como em seus encaminhamentos metodológicos.

No que tange à operacionalização do trabalho, o GT definiu que seria fundamental que a pesquisa incorporasse os componentes temáticos que norteiam o trabalho pedagógico da EFA e que se organizam como temas geradores definidos para cada uma das turmas, quais sejam: a) Família (desenvolvido na 5ª série); b) Convivência com o semi-árido (6ª série); c) Agricultura (7ª série); Política (8ª série). Estes temas, trabalhados transversalmente ao longo do ano letivo por todas as disciplinas, dão origem a um Plano de Estudo (PE) elaborado conjuntamente entre professores e estudantes. É este Plano de Estudo que norteia as atividades que o estudante deverá desenvolver inclusive durante o período em que permanecer em sua comunidade.

Considerando os temas geradores o GT optou por redefinir a proposta de trabalho com os estudantes, de modo a abarcar a história de vida dos velhos nas comunidades. Esta redefinição resultou na adoção de uma abordagem histórica dos temas através de conversas (semi-dirigidas) que os estudantes devem estabelecer com os velhos de suas comunidades tendo como objetivo compreender, a partir dos relatos, as transformações sofridas pela comunidade ao longo dos anos, bem como perceber as diferenças e semelhanças entre o “tempo dos velhos” e o “seu próprio tempo”.

A partir destes temas geradores foram propostos sub-temas, a serem trabalhados na primeira unidade letiva, conforme o descrito abaixo:

5ª série - história da família e comunidade;

6ª série – história da água;

7ª série – história da propriedade rural (como evoluiu a propriedade? A paisagem?)

8ª série – história da educação popular (como era a educação nas comunidades? Que formas existiam de se ensinar? E agora, como é a educação?)

Com base nestes sub-temas, os professores construíram, em conjunto com os alunos, seus planos de estudos (PE), incorporando questões direcionadas aos sujeitos mais velhos. Os resultados dos PE dos alunos foram sistematizados e socializados no grupo de trabalho. A seguir tecemos algumas considerações decorrentes da discussão e análise destas sínteses. As sínteses produzidas a partir do trabalho com os alunos, de uma forma geral, não se limitaram a descrever apenas os relatos dos velhos, uma vez que os alunos direcionaram seu olhar para sua família e comunidade como um todo, estando as vozes dos velhos diluídas neste conjunto de representações da comunidade. Buscamos assim compreender como as famílias e comunidades representam seu ambiente e as questões levantadas pela escola – sua origem, a questão da água, a propriedade e a educação popular, focando, quando possível, nas vozes dos velhos, relatadas pelos estudantes em seus PEs.

Percebemos que a família é vista pelos estudantes como “alicerce” e, para a grande maioria, é representada não apenas por pais e irmãos, mas incorpora também a figura de outras pessoas, como os avôs, tios, primos e padrastos, que formam o núcleo familiar. Apesar dos núcleos familiares serem ampliados, o pai, pequeno agricultor, se apresenta como o principal chefe da família, apesar de haver famílias em que a mãe colabora no orçamento da casa ou assume o papel de chefe, na ausência do pai. Portanto, é possível inferir que a noção de “chefe da família” não está direta e exclusivamente vinculada ao papel de provedor.

Os estudantes destacaram ainda a presença de fatos marcantes na história de vida das famílias, momentos felizes como o nascimento dos filhos - principalmente o primogênito, casamentos, e momentos tristes como acidentes e perda de familiares, destacando aí a perda de filhos. Nestes momentos é que consideramos que os velhos apresentam um papel social importante na formação de laços e redes associativas, contribuindo para a

constituição de um capital social nestas comunidades (ABRAMOVAY, 2000), à medida que promovem um reencontro de gerações e a reconstrução da memória e do passado de uma coletividade, o que, segundo Caldart (2004) e Weil (1996), influencia sobremaneira no processo de enraizamento da comunidade.

A questão água, nos relatos dos alunos, aparece como ponto crucial na convivência com o semi-árido e está presente nas sínteses de todos os planos de estudo. A água é representada como um bem vital e precioso: *“vale lembrar que a água no sertão vale ouro”*; *“é um elemento fundamental para a existência de qualquer ser na terra e para o desenvolvimento das propriedades e da humanidade”*. Portanto, surge daí a necessidade de *“cuidado”* e a preocupação com a poluição. Neste sentido, ganha destaque o papel dos agentes de saúde, sindicatos e associações na busca de resoluções dos problemas tanto de escassez, quanto de poluição da água. Esta reflexão sobre a água, como bem *“vital”* e *“caro”* também foi constatado como um elemento característico nos estudos de Figueiredo e Oliveira (2003), que tinham como foco a análise das representações sociais da água nas narrativas de sertanejos no Ceará. O cuidado no tratamento da água e, principalmente a preocupação com sua escassez traduz-se, nos relatos dos alunos, através do desenvolvimento de estratégias de obtenção, como a construção de *“aguadas”* (reservatórios de água como açudes), poços artesianos e, especialmente, cisternas, para captação da água da chuva. No que tange às cisternas, nota-se aí o papel da escola família agrícola, bem como das associações locais e da mídia, na sensibilização dos alunos e das comunidades para sua construção. Dada a importância da cisterna como alternativa para a convivência com a seca, a síntese do PE da 6ª série, construída em conjunto por alunos e professores, retrata a questão da seguinte forma: *“resta a você que ainda não tem uma cisterna juntar-se com a associação de seu bairro ou comunidade e buscar uma cisterna para sua família”*.

Constatamos ainda nos relatos dos alunos da 6ª série uma leitura histórica da questão da água em suas comunidades e aí, as vozes dos velhos se fazem ouvir mais claramente: há relatos sobre a dificuldade de acesso à água como elemento definidor das práticas de utilização pelo sertanejo: *“antigamente gastava menos talvez pelo fato de buscar mais distante, hoje as facilidades são outras, mas a compreensão por parte de alguns é pouca e acaba desperdiçando mais”*. Ou, ainda:

“nos anos sessenta, depois nos anos oitenta, os agricultores que não tinham reservatório de água passaram muita dificuldade, hoje graças ao conhecimento que se vem adquirindo só passa dificuldade aqueles que ainda não conseguiu reservatório, para esses, de agosto a novembro a necessidade é grande por água, [\[1\]](#) mas onde tem água da Embasa ou de cisterna a realidade é outra”.

Durante as discussões no grupo de trabalho, algumas pessoas comentaram sobre a seca de 1932, que, segundo a memória dos velhos, foi a pior seca da região, em que muitas pessoas morreram. Entretanto, na compreensão de outros integrantes do grupo de trabalho que têm suas origens na região (professores da EFA e diretores da APAEB) a pior seca teria sido a de 1993 quando foram registrados os menores índices pluviométricos e prejuízos maiores à plantação e à criação de animais, “*até licurizeiro (palmeira típica da região) que nunca se ouviu falar de morrer seco, morreu em 1993*”. Esta representação da seca de 1932, segundo o grupo, estaria relacionada à dificuldade de acesso à água e a falta de tecnologias alternativas para conservação e armazenamento da mesma. Assim, novamente se aponta para a importância e viabilidade da construção de cisternas. Decerto, esta demanda tem sido alvo das lutas de muitas associações, ONGs, sindicatos e movimentos sociais na região, que vem tendo papel significativo na formulação de políticas públicas para o semi-árido, como o P1MC – Programa Um Milhão de Cisternas -, do Governo Federal, que estabeleceu a meta de construção de 337.000 cisternas no estado da Bahia (BRASIL, 2003).

Com relação à educação popular, os relatos dos estudantes trazem o papel fundamental desempenhado pela Igreja Católica, representada pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), nos movimentos sociais da região:

Os movimentos sociais (...) surgiram da necessidade da melhoria da qualidade de vida principalmente dos trabalhadores rurais (...) Os primeiros manifestos geralmente aconteciam nos encontros religiosos com o apoio da igreja católica. Orientados pelos padres faziam reuniões de bases (a princípio em total sigilo) para promover discussões e encaminhar algumas ações.

Os relatos destacam ainda o papel de várias pessoas e entidades locais e regionais, como associações, igrejas, sindicatos, cooperativas, Ongs, grupos de jovens, agentes

comunitários, e sua própria família, enquanto elementos fundamentais neste processo. Estes, entre outros relatos apresentados nos planos de estudo dos estudantes constituem um momento inicial de registro da memória local, momento este que consideramos de grande importância para a formação destes sujeitos e, conforme sugere Caldart (2004), imprescindível na formulação de uma proposta político-pedagógica do campo.

Considerações Finais

A proposta inicial do trabalho, com a construção de planos de estudo (PE) que contemplem a história dos temas geradores, com questões direcionadas aos sujeitos mais velhos das comunidades, constitui-se em uma primeira fase do registro da memória rural destas comunidades, ainda em andamento. Vale ressaltar que não houve até então uma iniciativa de sistematizar tais memórias, que permanecem pulverizadas nas mentes das pessoas, principalmente dos mais velhos. Reconhecemos os esforços já produzidos nessa direção, como o trabalho de resgate da história da APAEB e da luta de seus associados por melhores condições de renda e de vida (SILVA et al., 1993) e acreditamos que tal trabalho deva ser continuado, de modo a constituir um dos alicerces da formação dos sujeitos do campo.

Apesar das dificuldades do trabalho com os planos de estudo no que diz respeito ao registro destas memórias dos velhos – uma vez que nem todos os planos focaram seu olhar nos velhos –, consideramos que a estratégia adotada possibilitou um primeiro avanço no que se refere a valorização do papel dos velhos pela comunidade escolar e à implementação de propostas que visem ampliar o diálogo entre gerações.

Podemos considerar que os resultados preliminares da investigação oferecem pistas valiosas sobre a possibilidade concreta de articulação entre memória coletiva, história e educação ambiental seja como estratégia de ressignificação dos velhos em suas comunidades, seja como uma possibilidade concreta de fortalecer e aprofundar as redes associativas horizontais e verticais capazes de imprimir um outro sentido à noção de desenvolvimento local/regional, ainda que em experiências localizadas. Reconhecer o relato dos velhos como fonte privilegiada na construção da história significa por outro lado colocar no centro da cena homens e mulheres comuns, anônimos, quase sempre invisíveis que tecem caprichosamente uma multiplicidade de relações que ultrapassa o binômio rural-

urbano.

Referências Bibliográficas

- ABRAMOVAY, R. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. **Economia Aplicada**, v. 4, n. 2, 2000.
- APAEB. **Relatório anual de atividades**: 2003. Valente: Associação de Pequenos Agricultores do Município de Valente, 2004. 74p.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983. 402 p. (Série Estudos Brasileiros, 1)
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRASIL. **Programa Fome Zero**. 2003. Disponível em: <<http://www.fomezero.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home>>. Acesso em: 29 abr. 2005.
- CALDART, R. S. O MST e a formação dos Sem-Terra: o movimento social como princípio educativo. In: GENTILI, P., FRIGOTTO, G. (Orgs.) **A cidadania negada**: políticas de exclusão na educação e no trabalho. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p.125-145.
- CALDART, R. S. **Momento atual da educação no campo**. 2004. Disponível em: <<http://www.nead.org.br/index.php?acao=artigo&id=27>>. Acesso em: 02 Ago. 2004
- DRUMMOND, J. A. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**, v. 4, n. 8, p. 177-197, 1991.
- FIGUEIREDO, J. B., OLIVEIRA, H. T. Educação ambiental popular e a teia de representações da água na cultura residualmente oral do sertão nordestino. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO. 26., 2003, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2003. Disponível em: <
- JEDLOWSKI, P. Memórias: temas e problemas da sociologia da memória no século XX. **Pro-posições**, v. 14, n.1, p. 217-234, 2003.
- PARK, M. B. (Org.) **Memória em movimento na formação de professores**: prosas e histórias. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- QUEIROZ, J. B. P. Os centros familiares de educação em alternância no Brasil.

Cultura Vozes, n. 6, p. 85-94, 2001.

SILVA, A. L. V. et al. **APAEB**: uma história de fibra, luta e resistência. Valente: APAEB, 1993. 160p.

SIQUEIRA, D., OSÓRIO, R. O conceito de rural. In: Giarracca, N. **¿Una nueva ruralidad en América Latina?** Buenos Aires: CLACSO, 2001, p. 67-79.

Disponível em: <<http://www.clacso.edu.ar/~libros/rural/osorio.pdf>>. Acesso em: 02 Ago. 2004

THOMPSON, P. **A voz do passado**. História oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2002. 385 p.

WANDERLEY, M. N. B. A ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento. In: Giarracca, N. **¿Una nueva ruralidad en América Latina?** Buenos Aires: CLACSO, 2001, p. 31-44. Disponível em: <[http:// piluso.clacso.edu.ar/~libros/rural/wanderley.pdf](http://piluso.clacso.edu.ar/~libros/rural/wanderley.pdf) >. Acesso em: 02 Ago. 2004

WEIL, S. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

[1]

Empresa de Saneamento Básico da Bahia